

PASTA 6 / 1988 / DANÇAS / COLECÇÃO J.N.BRETÃO

## **SAGA DOS CORTE-REAIS**

**Argumento para dança de Páscoa, da autoria de: António Mendes**

**Santa Bárbara, 7 de Março de 1988**

### **SAUDAÇÃO**

#### **Mestre**

Ó que prazer para nós  
Encontrar a todos vós  
A viver esta alegria,  
Com a garganta ainda quente  
Desse canto estridente  
A que chamam aleluia.

#### **Coro**

Porque é Páscoa o povo canta  
Mais um hino de louvor,  
E não se canse a garganta  
De louvor o Redentor.

#### **Mestre**

Queremos uma vez mais  
As boas festas pascais  
A toso vos transmitir.  
Pois Jesus ressuscitado  
Nos libertou do pecado  
Para o céu nos garantir.

#### **Coro**

E com as festas pascais  
Uma luz forte irradia  
É ela que uma vez mais  
Nossas almas alumia.

#### **Mestre**

E essa ressurreição  
Fez com que o homem cristão  
Mais fiel agora é  
Para aquele que acredita,  
Se Jesus não ressuscita  
Era vã a nossa fé.

#### **Coro**

É bom que nos alegremos  
Vendo Jesus triunfar  
Também como Ele havemos  
Um dia ressuscitar.

#### **Mestre**

Do martírio dum calvário

À ternura dum sacrário  
Se mede o maior amor.  
Só por muito amar Jesus  
Abraçou a sua cruz,  
Sendo Ele Rei e Senhor.

**Coro**

Quem abraça a sua cruz  
Com todo o suplício seu,  
Imita aquele Jesus  
Que unido a ela morreu.

**Mestre**

Alegra-se a Natureza;  
Desabrocha mais beleza;  
Nasce o lírio, nasce a palma  
E a Ilha Terceira canta,  
Porque a alegria é tanta  
Que invade a nossa alma.

**Coro**

Porque é Páscoa e primavera,  
Mais se alegra a Natureza.  
Ó que prazer Deus nos dera  
Vendo toda esta beleza.

**Mestre**

Este povo já cantava  
Outrora quando mandava  
Suas naus por esses mares  
Em dramáticos momentos,  
Agitando pensamentos  
Nas façanhas invulgares.

**Coro**

Se corre nas nossas veias  
Sangue de heróis e de santos  
As maiores epopeias  
Foram de hosanas e cantos.

**ALUSÃO AO TEMA**

**Mestre**

Da Terceira as naus partiram  
Por mares não navegados  
E outras terras descobriram  
Os nossos antepassados.

**Coro**

Por mares não navegados  
Os terceirenses também  
Navegaram empenhados

Na expansão da Pátria Mãe.

### **Mestre**

Assim os Corte-Reais  
Vivem em nossa memória  
E ficaram imortais  
Nas páginas da nossa história.

### **Coro**

Marinheiros corajosos,  
Saídos do nosso povo,  
Chegaram, audaciosos,  
Às terras do Mundo Novo.

### **Narrador**

Uns tantos navegadores  
Chamados Corte-Reais,  
Eram tidos por leais  
E da Pátria servidores,  
Com a arte de navegar.  
João Vaz Corte Real  
Quis El-Rei recompensar,  
Porque ele chegou afinal,  
À longínqua Terra Nova;  
E porque deu uma prova  
De um feito audacioso,  
Logo sua Majestade,  
Num gesto algo bondoso  
Ante uma alma aventureira,  
Lhe entrega uma metade  
Do Governo da Terceira.  
Nesta ilha se instalou  
Com mais nautas criaturas  
E daqui impulsionou  
Outras novas aventuras.

### **D. Manuel I**

João Vaz Corte Real,  
Reconheço os teus valores  
Na arte de navegar.  
E pelo teu nobre ideal,  
Da Rerceira, dos Açores,  
Descobriste Terra Nova  
Nas Índias Ocidentais,  
E tal feito nos comprova  
De que lá existem mais.

### **João Corte Real**

Obrigado, Majestade,  
Por me querer recompensar.  
Mas é da minha vontade  
Novas terras encontrar.

Tenho filhos que também  
A mesma arte já tem  
E podem continuar  
Lá no meio do Oceano  
Onde a ilha se situa,  
Se me concede outro plano  
A aventura continua.

**D. Manuel I**

Te dou carta desde já  
Para nova expedição,  
Que possa sair de lá  
Sob a tua orientação.

**Coro**

Então na Ilha Terceira,  
Qual sentinela avançada,  
Mora a alma aventureira  
Duma Pátria idolatrada.

Na arte de navegar  
Há mais figuras despertas  
Que tentam continuar  
Na senda das descobertas.

**Gaspar C. Real**

Sabei meu pai que eu penso  
Como vós em navegar;  
Enfrentar o mar imenso  
E outras terras desvendar.

**João C. Real**

Me orgulho do teu pensar,  
Revelador de bom senso.  
Pois El-Rei já me deu carta  
Para nova expedição.  
Me orgulho que um filho parta  
Com ela noutra missão.  
Nós temos que insistir,  
De maneira consciente,  
Para as Índias descobrir,  
Navegando a Ocidente.

**Gaspar C. Real**

Se longe pudeste ir,  
Tentarei ir mais à frente.  
Entendo que as caravelas  
Cá podem ser construídas...

**João C. Real**

Como tantas, fortes belas...  
Lá de Lisboa saídas.

**Gaspar C. Real**

Julgo que a baía de Angra  
Tem praia que é o bastante...

**João C. Real**

Ali onde a terra sangra  
Naquele ribeiro constante.  
Eu vou mandar construir  
Os navios que hão-de ir  
Contigo a lugar distante.

**Coro**

Em epopeias tão belas,  
No mundo jamais vividas,  
Partiram as caravelas  
Na Terceira construídas.

Assim o cedro cheiroso  
Nascido no chão da ilha,  
Dá o aspecto cavernoso  
No fazer de cada quilha.

**Narrador**

Linho que foi semeado  
Com dupla finalidade,  
Que hás-de ser recordado  
Com a mais viva saudade.  
Te deram forma os teares  
Desta Ilha de Jesus,  
P'ra ires por esses mares  
Ostentando a sua cruz.  
Terra de epopeias belas  
Que a Pátria soubeste honrar,  
Teu seio deu caravelas  
E grande heróis do mar;  
Do teu linho se fez velas  
E da tua fé um altar.

**(As mulheres terceirenses bordam a cruz nas velas)****Do Folclore da Ilha Terceira**

Ó meu bem se tu te fores,  
Com dizem que te vais,  
Deixa-me o teu nome escrito  
Numa pedrinha do cais.

**Coro**

Lá vai nas velas a cruz,  
Símbolo da paixão de Cristo.  
Oxalá levem a luz  
A quem nunca a tenha visto.

Levam o símbolo sagrado  
Duma Pátria aventureira  
E o trabalho abençoado  
Das mulheres da Terceira.

### **Padre Franciscano**

#### **(Benção das caravelas)**

Dignai-vos abençoar  
Estes navios que vão  
Agora enfrentar o mar  
Numa sagrada missão;  
E porque é espinhosa,  
Entregue os seus tripulantes  
À protecção amorosa  
Do Senhor do Navegantes,  
P'ra que salvos possam ir  
Em busca de outras vidas  
E a nossa fé expandir  
Em terras desconhecidas.  
Enen. (Asperge com água benta)

### **Gaspar C. Real**

Adeus mãe adeus pai.  
Vou partir, mas vou contente.  
Sinto que a minha alma vai  
Na aventura consciente.  
Rezem por mim, queridos pais  
Que eu hei-de voltar um dia  
A pisar com alegria  
As negras pedras do cais.

### **Noiva de Gaspar C. Real**

Já que pensas em deixar  
Esta Ilha dos Amores,  
Eu ficarei a chorar  
Ó meu bem, se tu te fores.  
Saudades irei sentir  
Como sentiram jamais,  
Se te chegares a ir  
Como dizem que te vais.  
Por tanto amar, na verdade  
Meu coração fica aflito.  
Para matar a saudade  
Deixa-me o teu nome escrito.  
Pois vou olhar sempre o mar,  
Como um velhinho arrais,  
Sentadinha a chorar  
Numa pedrinha do cais...

### **Coro**

As caravelas lá vão

Com destino ao Ocidente;  
Tenham de Deus protecção,  
E a prece desta gente.

Temendo certa amargura,  
Acabamos por rezar,  
Mas na vida da aventura  
Nosso destino é o mar.

### **João C. Real**

Miguel, teu irmão Gaspar  
Partiu, não mais voltou.  
Terá morrido no mar?  
Será que terra encontrou?  
Acaso sentes desejo  
De ir em sua procura?  
Parece que ainda o vejo  
Planeando essa aventura!...

### **Miguel C. Real**

Se é da sua opinião,  
Logo da minha é também,  
Ir procurar meu irmão  
Nessas paragens de além.  
Não me afligem as agruras  
Que afectam o ser humano:  
Sonho só em aventuras  
Por esse vasto oceano.

### **João C. Real**

Já que o teu coração brota  
Uma tamanha coragem,  
Prepara já tua frota,  
De Lisboa toma a rota,  
Empreendendo a viagem.  
Vai. Pede licença a El-Rei  
Para ires em procura  
Do irmão que eu te dei  
E me causa esta amargura.

**(Ouve-se em fundo a música da moda regional terceirense) “O Samaciao”.**

### **Miguel C. Real**

Ouvi, El-Rei, meu Senhor:  
Sou Miguel Corte Real.  
Meu irmão navegador,  
Foi e não veio afinal;  
Navegou para o Ocidente  
Tal e qual como meu pai.  
Estará vivo ou doente?  
Terá visto outra gente?

Por quanto amais, tomai  
Uma nobre decisão  
E este servo mandai  
Em procura do irmão.

#### **D. Manuel I**

Reconheço os sentimentos  
Do teu nobre coração.  
Prepara teus mantimentos,  
Se para tal tens proventos,  
E procura teu irmão.  
A terra que descobrires  
O teu nome há-de ter  
E quantas gentes tu vires  
Submissas te hão-de ser.

#### **Coro**

Lá vai Miguel empenhado  
Em encontrar o irmão;  
Pelo Rei recomendado  
Numa tão nobre missão.

A América seu destino  
Oxalá possa chegar  
E no rochedo mais fino  
Seu próprio nome gravar.

#### **Narrador**

#### **(Miguel C. Real junto da pedra de Digton)**

Sobre este navegador  
Nada se veio a saber  
E só hoje o seu valor  
Se realça, podeis crer;  
Pois da América veio a ser  
O primeiro descobridor  
Foi uma pedra encontrada  
Com o seu nome gravado  
E a sara comprovada  
Em que deve ter chegado  
Se com os Índios se achou  
Bem ao mal, nós não sabemos  
Mas o seu nome ficou,  
E disso a certeza temos  
Que diga o Torre do Tombo  
Das glórias de Portugal  
E que antes de Colombo  
Lá esteve o Corte Real.

#### **(Ouve-se a fusão dos hinos americano e português)**

#### **Coro**

Quando se encontra outra raça,  
Nasce certa timidez,  
Mas a alegria trespassa  
O coração português.

Para nada se banir  
Da mente das criaturas,  
Bem pode a rocha servir  
Para narrar aventuras.

### **João C. Real**

#### **(No leito, gravemente doente, torturado pela saudade)**

Nunca pensei que chegasse  
A viver tal ansiedade...  
Nunca pensei que matasse  
Tão depressa a saudade...  
Gaspar, Miguel, filhos queridos  
Onde estarão estas horas?...  
Decerto no mar perdidos  
E eu sem sentir melhoras...

#### **Mulher de João C. Real**

Não lamenteis mais, João,  
Porque essa tua amargura  
Me flagela o coração  
E me cava a sepultura.  
Bom padre, reza por ele!  
Pede por quem tanto ama  
E sempre pensou naquele  
Que do céu vê este drama.

#### **Padre Franciscano**

Estou fazendo ao bom Jesus  
Orações simples, mas belas,  
Por quem mandou sua cruz  
Nos mastros das caravelas.  
Fazei senhor, que este filho  
Veja os filhos que enviou;  
Esses que eram todo o brilho  
Do olhar que os contemplou.

#### **Vasco C. Real**

Fica tranquilo meu pai  
Em mim podes confiar.  
Pois este teu filho vai  
Os teus filhos procurar.

#### **João C. Real**

Para mim tarde será,  
Mas vai que eu morro contente.

**Vasco C. Real**

Ó meu pai, Deus os trará  
E alegria ainda dará  
A quem está tão doente

**(Morre João Corte Real)****Sua mulher**

João... querido João...-  
Morreste!... ó que amargura

**Vasco C. Real**

Ó pai do meu coração,  
Não dês tal desventura!...

Procuraste dilatar  
O Império Português,  
Dominando esse mar  
P'ra que eu diga outra vez:  
Ditosa a Pátria que tem  
Destes filhos do seu seio,  
Que a projectam para além  
Do mais recôndito meio.  
Pois teu nome há-de ficar  
Na lista dos imortais,  
Quando a história o narrar  
Nas aventuras do mar,  
Lembrando os Corte-Reais.

Adeus meu pai muito amado;  
Que tão sede me deixaste;  
Aceita o símbolo sagrado  
Da Pátria que tanto amaste.

(João Corte Real morre com o pensamento nos seus filhos e nas terras para onde navegou e eles navegaram também: Canadá e América do Norte. Por isso, num gesto de pura ficção, surge um esquimó, totalmente revestido de peles, que cobre o seu corpo com a Bandeira do Canadá, sendo seguido de um índio americano que o corpo de seu pai com a Bandeira Nacional Portuguesa, acentuando-se neste momento o fundo musical que vinha decorrendo durante esta cena, com a música da saudade).

**Coro**

Para se honrar a memória  
Dum valente português,  
Só cantando a sua glória  
Por quanto de nobre fez.

Morre o homem fica a fama

Que a história lembrará,  
A qual será como chama  
Que jamais se apagará.

**Vasco C. Real**

Me apresento, Majestade  
Sou Vasco Corte Real  
Venho com a finalidade  
De à vossa augusta vontade  
Submeter o meu ideal  
Meus irmãos, Miguel, Gaspar  
Partiram nas descobertas.  
Nenhum chegou a voltar;  
Andam perdidos no mar  
Ou noutras terras desertas  
Meu pai morreu de saudade  
Por causa dessa aventura  
Rogo a Vossa Majestade  
Que me deixe por bondade,  
Partir em sua procura.

**D. Manuel I**

Pois não admito que partas  
Nem que os vás procurar  
Não me orgulho por dar cartas  
A quem se perde no mar.

**Vasco C. Real**

Senhor, podem ter chegado  
A terras desconhecidas  
Poderia o meu cuidado  
Ir salvar as suas vidas.

**D. Manuel I**

Vasco, não me rogues mais  
Por outro plano falhado.  
E quanto aos Corte-Reais  
Fica o assunto encerrado.

**Vasco C. Real**

Se pensais dessa maneira,  
Faça-se a vossa vontade,  
Que eu vou para a Ilha Terceira  
Chorar a minha saudade.

**Noite (Poema de Fernando Pessoa)**

A nau de um deles tinha-se perdido  
No mar indefinido.  
O segundo pediu licença ao Rei  
De na fé e na lei  
Da descoberta, ir em procura  
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo  
Volveu do fim profundo  
Do mar ignoto à pátria por quem dera  
O enigma que fizera.  
Então o terceiro a El-Rei rogou  
Licença de os buscar, e El-Rei negou.  
Como a um cativo, o ouvem a passar  
Os servos do solar.  
E quando o vêem, vêem a figura  
Da febre e da amargura,  
Com fixos olhos rasos de ânsia  
Fitando a proibida azul distância.

**(Vasco C. Real continua a recitar o poema)**

Senhor, os dois irmãos do nosso nome  
O poder e o renome  
Ambos se foram pelo mar da idade  
À tua eternidade;  
E com eles de nós se foi  
O que faz a alma poder ser de herói.

Queremos ir buscá-los, desta vil  
Nossa prisão servil;  
É a busca de quem somos, na distância  
De nós; e, em febre de ânsia,  
A Deus as mãos alçamos.

Mas Deus não dá licença que partamos.

**Coro**

Vasco não chega a partir.  
O Rei vontade não tem.  
Bem poderia ele ir  
E por lá ficar também.

Resta que a mãe dolorosa  
Sobre o caso ainda pense  
E interceda, carinhosa,  
Para ver se o Rei convence.

**Viúva de João C/Real**

Senhora, venho implorar  
A vossa interceção  
Pedi a El-Rei para deixar  
Meu filho ir procurar,  
Com o seu nobre coração,  
Dois filhos que andam perdidos;  
Foram em nobre missão.  
Quem sabe se estarão  
Entre os gentios detidos.

**Rainha (Esposa de D. Manuel)**

Compreendo todo o afecto  
Desse coração de mãe.  
E se El-Rei não foi correcto,  
Meu instinto predileto  
Sua arrogância detém.

**(Para uma dama)**

Chamai El-Rei, meu senhor,  
Que eu lhe pretendo falar.

**(Para a viúva de J. C. Real)**

Fique calma, por favor.  
Tudo bem há-de acabar.

**D. Manuel I**

Senhora, porque me chama?  
Algum assunto importante?

**Rainha**

Meu senhor, se bem me ama  
Ouça um rogo angustiante;

Já sabe que estão perdidos  
Dois filhos desta mulher,  
Corte.Reais destemidos.  
Resta-lhe um filho que quer  
Partir em sua procura  
Não se trata de aventura  
Nem de viagem qualquer.

**D. Manuel I**

Seu filho Vasco já veio  
Tudo isso me pedir,  
Mas logo procurei meio  
De tal proeza impedir.

**Rainha**

Meu senhor, terás receio  
De tal coisa consentir?

**D. Manuel I**

Receio que esta mãe,  
Que já perdeu seu marido  
E apenas um filho tem,  
Em breve o veja perdido.

**Rainha**

O nosso rei tem razão.  
Se o nega é por prudência,  
E que o vosso coração  
Tal sofra com paciência.

Agora a sério reparo  
Na viuvez que a molesta.  
Pois guarde para seu amparo  
Este filho que lhe resta.

**D. Manuel I**

Sim. É o único que resta  
Dos nautas Corte-Reais,  
Por isso a Pátria lhe presta  
As honras imperiais.

**Vasco C. Real**

Minha figura modesta  
Bem dispensa glórias tais.

**D. Manuel I**

Mas quero ver-te a meu lado  
Recebendo uma homenagem.

**Rainha**

Senhora, tenha coragem  
Aceite um concelho dado.

De fracos não reza a história.  
Mas só de heróis e de santos.

**D. Manuel I**

Por isso se canta a glória  
Que esquece mágoas e prantos.

**HINO DOS CORTE REAIS**

**(Letra de Silva Tavares)**

Cantemos Portugal oh! Portugueses!  
- Esta pequena praia ocidental  
Que deu mundos ao mundo e tantas vezes,  
Ganhou seus nobres foros d'imortal.

Cantemos o valor audaz e forte;  
- João, Miguel, Gaspar Corte Real,  
Que a América correram Sul a Norte  
Muito antes de Colombo e de Cabral.

**Coro**

Pátria de heróis e de santos;  
Soldados Navegadores  
E de sábios, afinal,  
- Não é de mais entretantos  
Colocar entre os maiores  
Os nautas Corte Real!

Essa grande proeza – grande e ousada!

Que a história mal regista irresoluta,  
Tem sido pelo tempo respeitada  
Em Dighton, bem gravada em pedra bruta.

Mas doutras descobertas deram prova  
Batendo o imenso mar de cá p'ra lá,  
E aportando à Groenlândia, Terra Nova,  
Labrador, Terra Verde e Canadá!

#### **DESPEDIDA – Mestre**

Os heróis são imortais,  
Jamais se apagam da história.  
Viram que os Corte Reais  
Estão na lista dos tais  
Que nos bailam na memória.

#### **Coro**

Quem diria que à Terceira  
Tal facto estava ligado;  
Não é só hospitaleira,  
Foi também aventureira  
Pelos feitos do passado.

#### **Mestre**

A predileta amizade  
Com a América e Canadá,  
Se baseia na verdade  
Numa história de saudade  
Que sempre nos honrará.

#### **Coro**

A Terceira orgulho tem  
De quase poder dizer,  
Que foi como a Pátria mãe  
Dessas nações que ninguém  
Da mente nos faz perder.

#### **Mestre**

Agora nos apartamos  
Com o adeus dum cantiga,  
Mas também felizes vamos  
P'lo abraço que deixamos  
Duma Santa Bárbara amiga.

#### **Coro**

Vamos partir, não faz mal,  
Que a amizade nos sacia  
E por ter magia tal,  
Faz que a alegria pascal  
Seja o pão de cada dia.

Casa da Cultura da Terceira  
Processado em computador por Fátima Oliveira, a partir do documento  
existente na Colecção JNB.  
Angra do Heroísmo, Março de 2003.